

# **O uso dos recursos naturais do cerrado para produção artesanal: um estudo de caso entre os índios Krahô**

**Katia Maria Pacheco dos Santos**

Profa. Dra. Universidade de Brasília - Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária  
e-mail: pachecokatia@unb.br

**Rafael José Navas da Silva**

Prof. Dr. Universidade Federal de Alagoas - Centro de Ciências Agrárias  
e-mail: navas\_rj@yahoo.com.br

## **Resumo**

Os índios Krahô pertencem ao tronco linguístico Macro Jê e seu contato pacífico com o não índio ocorreu no início do século XIX. Atualmente habitam área no Norte do Tocantins, distribuídos em 16 aldeias. São caçadores-coletores, porém após o contato com a sociedade, os meios de subsistência tradicionais não atendiam a demanda de alimentos do ano todo, levando os indígenas a iniciarem as trocas de seus objetos e artesanatos por alimentos. O objetivo desse trabalho foi identificar o uso dos recursos naturais do cerrado para confecção de artesanatos e sua relação com a cultura dos índios Krahô, localizados na aldeia Nova. A coleta de dados foi realizada com entrevistas e observação participante. Observa-se a confecção de 22 produtos a partir de espécies do cerrado, com função de uso, ritual e venda, principalmente para turistas. Há distinção de gênero para confecção das peças e também apresenta função social, a partir de trocas entre membros Krahô e de outras etnias. O artesanato assume formas de acordo com a leitura que o artesão faz do gosto do não índio e a expressão artesanal é por vezes manipulada como forma de produção de capital, assumindo um papel que não é o cultural. Este é feito para atender as expectativas dos não índios, tendo como função, o comércio, e não a utilidade e ou função social.

**Palavras-chave:** terra indígena Krahô; artesanato; Jê; povos indígenas.

## **The use of natural resources for the cerrado craft production: a case study among Indians Krahô**

### **Abstract**

The Krahô Indians belong to the linguistic root Macro Je and his peaceful contact with non-Indians occurred in the early nineteenth century. Currently living area in northern Tocantins, distributed in 16 villages. Are hunter-gatherers, but after contact with society, the traditional means of livelihood did not meet the food demand of the whole year, leading the Indians to initiate the exchange of objects and their handicrafts for food. The aim of this study was to identify the use of natural resources of the cerrado for making handicrafts and its relationship with the culture of the Indians Krahô, located in the village Nova. Data collection was conducted with interviews and participant observation. Observe the making of 22 products from cerrado species, with function of use, ritual and sale, mainly for tourists. No distinction of gender, to make the pieces and also features social function, from exchanges between members Krahô and other ethnicities. The craft takes forms according to the reading of the craftsman does not like the Indian and the art expression is sometimes manipulated as a form of capital production, assuming a role that is not cultural. This is done to meet the expectations of non-Indians, whose function, trade, and not the utility and or social function.

**Key words:** Indigenous Land Krahô; crafts; Jê; Indigenous peoples.

## **El uso de los recursos naturales del cerrado para la producción artesanal: un estudio de caso entre los indios Krahô**

### **Resumen**

Los Krahô pertenecen a la raíz lingüística Macro Jê y su contacto pacífico con los no indígenas se produjo a principios del siglo XIX. Actualmente viven en norte de Tocantins, distribuidos en 16 aldeas. Son cazadores-recolectores, pero después del contacto con la sociedad, los medios de subsistencia tradicionales no satisfacían la demanda de alimentos de todo el año, lo que llevó a los indígenas a iniciar el intercambio de objetos y de sus artesanías por alimentos. El objetivo de este estudio fue identificar el uso de los recursos naturales del cerrado para la elaboración de artesanías y su relación con la cultura de los indios Krahô, situado en el aldeia Nova. La recolección de datos se realizó con entrevistas y observación participante. Hay la elaboración de 22 productos con plantas del cerrado y tienen como función, la utilización, el ritual y la venta. Hay distinción de género para hacer las piezas y cuenta con función social, a partir de los intercambios entre los miembros Krahô y con otras etnias. La artesanía lleva formas de acuerdo a la lectura que el artesano hace del gusta del no indígena y la expresión del arte a veces se manipula como una forma de producción de capital, asumiendo un papel que no es cultural. Esto se hace para satisfacer las expectativas de los no indígenas, cuya función, el comercio, y no la utilidad o función social.

**Palavras chave:** Terra indígena Krahô; artesanía; Jê; pueblos indígenas.

### **Introdução**

Os Krahô pertencem ao tronco linguístico Macro Jê, que faz parte da família Jê e da língua Timbira. Começaram o contato com o não índio no início do século XIX, entrando em conflito com as fazendas de gado que avançavam do Piauí para o sul do Maranhão. Nessa época, o grupo vivia próximo ao rio Balsas, afluente do Parnaíba. Após atacarem uma grande fazenda em 1809, foram atacados, em represália, por uma expedição dirigida por Manuel José de Assunção, que fez mais 70 prisioneiros Krahô e os remeteu à São Luís. A partir de então seu contato com a sociedade passou a ser pacífico e na margem do Tocantins, passaram a ajudar o fundador de São Pedro de Alcântara (atual cidade de Carolina/MA), apoiado pelos fazendeiros, a combater e escravizar grupos indígenas vizinhos, que eram vendidos para regiões mais ao norte. Os fazendeiros conseguiram que o missionário capuchinho Frei Rafael de Taggia transferisse os Krahô para Pedro Afonso, na confluência do rio do Sono com o Tocantins, em 1848. Aí ficaram vizinhos dos Xerente e começaram a deslocar-se, no final do século XIX, na direção nordeste, para o lugar onde estão atualmente, do sul do Estado do Maranhão e o norte do Tocantins (SCHIAVINI, 2000).

A atuação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) junto aos Krahô foi praticamente inoperante, com criação de duas fazendas do SPI dentro da reserva para produção de gado, buscando suprir a demanda por carne e realizavam o arrendamento das áreas indígenas

para fazendeiros, para pastejo. Diante desse cenário, os Krahô intensificaram o contato com as cidades, principalmente pelo fato das roças não suprirem sua demanda de alimentos durante todo o ano, o que levou os indígenas a iniciarem as trocas de seus objetos e artesanatos por alimentos (MELATTI, 1984).

Atualmente habitam uma área com extensão de 302.533 hectares (07° 50' - 08° 50' S e 47° 05' – 47° 50' O), denominada Kraolândia ou Terra Indígena Krahô, como observado na Figura 1, localizada nos municípios de Goiatins e Itacajá, ao norte do Estado de Tocantins. Existe aproximadamente 2.463 índios Krahô, habitando 16 aldeias espalhadas pela reserva (RODRIGUES, 2001; FUNASA, 2013).

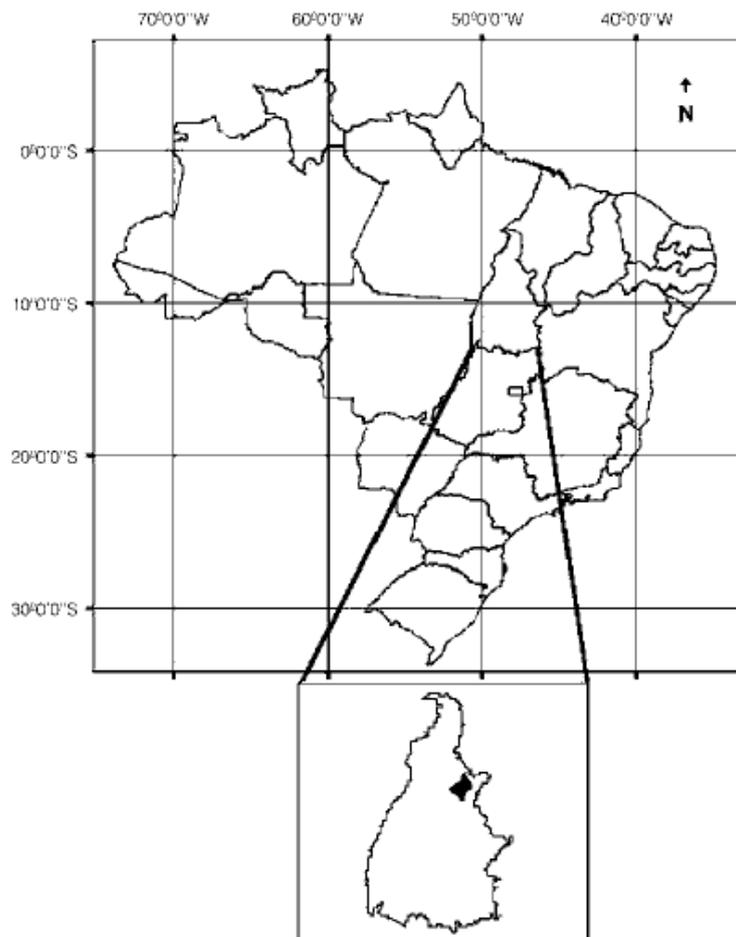
De acordo com Azanha (1984), os Krahô são predominantemente caçadores-coletores, e como todo Timbira, têm pela atividade de caça verdadeira paixão. Do ponto de vista da sua morfologia, as aldeias Timbira têm as suas casas dispostas em um círculo cujo centro é uma área também circular e limpa (pátio). Cada casa normalmente abriga as mulheres que ali nasceram e os homens que, deixando as moradas de suas mães, vêm com aquelas se casar.

As atividades cotidianas nas aldeias obedecem a um calendário ritual, regulado pelas atividades do “pátio”, centro das aldeias e lugar das decisões. Neste local, toda manhã e no final da tarde, os homens se reúnem com os “governadores” para decidirem ou avaliarem as atividades do dia (quem vai para a roça, quem vai caçar etc.) ou as atividades necessárias para a conclusão ou prosseguimento de um ritual em curso. Os cerimoniais ou rituais estão intensamente presentes na vida das comunidades Krahô (MELATTI, 1978).

A inserção do objeto no seu contexto ecológico e cultural oferece um retrato da sociedade e da cultura indígena. Segundo Ribeiro (1987), cada comunidade humana desenvolve modos próprios de fazer e de usar seus objetos artesanais, bem como seus aspectos ideológicos, os quais singularizam a identidade étnica.

O uso dos recursos naturais se torna a base para a produção dos objetos, incluindo o modo de obtenção da matéria-prima, o manuseio da mesma, a elaboração da peça, representando seus significados e usos e questões de gênero, de quem elabora o objeto.

Nesse contexto, o objetivo desse trabalho foi identificar o uso dos recursos naturais do cerrado para confecção de artesanatos e sua relação com a cultura dos índios Krahô.

**Figura 1. Localização da Terra Indígena Krahô**

Fonte: Nascimento et al., 2009.

## Metodologia

Entre as aldeias da Terra Indígena Krahô, esse estudo foi desenvolvido na Aldeia Nova, com população em torno de 150 pessoas.

O levantamento dos dados foi por meio de técnicas qualitativas, com observação participante e entrevistas semiestruturadas (VIERTLER, 1988), que permitiu melhor compreender a forma de obtenção dos recursos naturais para o artesanato; o processo de confecção e o seu uso na vida cotidiana, bem como a distinção entre gênero para confecção dos diferentes objetos e a expressão cultural através dos rituais que envolvem a atividade artesanal. Para o conhecimento da denominação dos objetos artesanais no dialeto Krahô, foi solicitado a professores indígenas<sup>1</sup> da aldeia que fizessem a tradução dos itens artesanais listados em português para a escrita da língua falada pelo grupo.

<sup>1</sup> Em virtude de uma política nacional voltada para educação indígena diferenciada na aldeia Nova, assim como em outras aldeias indígenas, há professores indígenas ensinando na aldeia tanto a língua falada como a escrita do português, como a timbira.

## O ambiente natural

Cerrado é o nome dado às savanas brasileiras e aproximadamente 20% da superfície do país era originalmente dominada por esta paisagem. O clima típico da região dos cerrados é quente, semiúmido e sazonal, com verão chuvoso e inverno seco. A pluviosidade anual fica em torno de 800 a 1600 mm. Os solos são geralmente muito antigos, quimicamente pobres e profundos (PIVELLO, 2013).

As árvores do cerrado são muito peculiares, com troncos tortos, cobertos por uma cortiça grossa, cujas folhas são geralmente grandes e rígidas. Muitas plantas herbáceas têm órgãos subterrâneos para armazenar água e nutrientes. Estas características constituem-se em algumas das adaptações desta vegetação às queimadas periódicas à que é submetida, protegendo as plantas e capacitando-as para rebrotar após o fogo. Como em outras savanas do mundo, o ecossistema de cerrado vem coexistindo com o fogo desde tempos remotos, inicialmente como incêndios naturais causados por relâmpagos ou atividade vulcânica e, posteriormente, causados por ações antrópicas (PIVELLO, 2013).

A grande variabilidade de habitats no cerrado suporta uma enorme diversidade de espécies de plantas e animais. Estima-se em torno de 5 mil plantas vasculares, e mais de 1.600 espécies de mamíferos, aves e répteis e entre a diversidade de invertebrados, os cupins e as formigas cortadeiras possuem grande importância no consumo e na decomposição da matéria orgânica, assim como constituem uma importante fonte alimentar para muitas outras espécies animais (PIVELLO, 2013).

Outros tipos de vegetação podem aparecer na região dos cerrados, tais como os campos úmidos e as veredas de buritis, onde o lençol freático é superficial; os campos rupestres podem ocorrer nas maiores altitudes e as florestas mesófilas situam-se sobre os solos mais férteis. As formas savânicas exclusivas não são homogêneas, havendo uma grande variação no balanço entre a quantidade de árvores e de herbáceas, formando um gradiente estrutural que vai do cerrado completamente aberto - o campo limpo, vegetação dominada por gramíneas, sem a presença de árvores e arbustos; ao cerrado fechado, fisionomicamente florestal - o cerradão, com grande quantidade de árvores e aspecto florestal. As formas intermediárias são o campo sujo, o campo cerrado e o cerrado *stricto sensu*, de acordo com uma densidade crescente de árvores (PIVELLO, 2013).

No caso do Parque Indígena Krahô, observa-se que o bioma Cerrado<sup>2</sup> compõe cerca de 85% do território, ocorrendo as seguintes fitofisionomias associadas: os campos limpos (vegetação tipo rasteira); os campos sujos (vegetação campestre, com

predominância de gramíneas, plantas rasteiras e com presença de árvores distantes umas das outras); cerradão (vegetação com um grande número de árvores, lembrando uma mata); o cerrado (que ocupa uma posição intermediária entre campo sujo e o cerradão, onde ocorre a formação de espécies de árvores de pequeno porte, de troncos e galhos retorcidos); as veredas (formam sazonalmente, em alguns locais, pequenos lagos em meio à vegetação do cerrado) e as matas de galeria. Nas formações florestais ao longo dos cursos d'água é freqüente a abundância de espécies da família Palmaceae, as quais tem importância como fonte de alimentos e de fibras para os Krahô.

É neste ecossistema natural que índios caçam, coletam, plantam roças de subsistência nas matas de galeria ou de encostas, locais esses que os solos são mais argilosos e ricos em nutrientes, onde cultivam o arroz, feijão “trepa-pau”, fava, mandioca, batata-doce, inhames, guandu, abóbora, melancia, mamão e banana (AZANHA, 1984).

O entorno da reserva indígena é dominado principalmente pela pecuária extensiva, existindo, contudo, pequenos agricultores que praticam agricultura de subsistência. Grandes projetos de monocultura agrícola estão começando a se fixar próximo as cercanias do território e constitui uma ameaça à integridade dos ecossistemas existentes (NASCIMENTO et al., 2009).

### As matérias-primas e técnicas artesanais

A matéria-prima dos artigos artesanais confeccionados é coletada durante as caminhadas pelo cerrado, quando os indivíduos do grupo deslocam-se da aldeia para as suas atividades de roça, localizadas a vários quilômetros da aldeia. Nesse momento aproveitam para encontrar as sementes e recolher as fibras das várias espécies vegetais que tem utilidade na confecção de seus artesanatos. Vale mencionar que não é comum ver os Krahô solitários em suas incursões ao cerrado; em geral, quando algum índio necessita sair da aldeia, sempre tem companhia.

Durante o período de observação em campo, levantou-se 22 itens artesanais confeccionados pelos índios Krahô da Aldeia Nova, referenciados na Tabela 1, com sua denominação em português e na língua indígena, bem como as matérias-primas utilizadas, a sua utilidade e a relação de gênero na confecção das peças.

**Tabela 1. Artigos artesanais confeccionados pelos índios Krahô da Aldeia Nova.**

Nome Português	Nome Krahô	Matéria prima	Uso	Quem confecciona
Côfo	<i>Cýyhu</i>	Palha das	Para armazenagem e	Mulheres

<sup>2</sup> Abrange aproximadamente 25% do território brasileiro, ou seja, cerca de 2 milhões de km<sup>2</sup>, dos quais cerca de 35% já foram devastados (CAVASSAN,1990). Esse bioma vem diminuindo rapidamente em extensão com o avanço da fronteira agrícola e tem menos de 1% de sua área legalmente protegida (CIPRF, 1995).

		palmeiras piaçaba, bacaba, babaçu, buriti, açai e anajá	transporte de diversos objetos: frutos, alimentação, pescaria, caçada, uso doméstico e para vender	
Bolsa	<i>Caxpoo</i>	Palha de guarumã, fibra de tucum	Armazenagem e transporte, uso doméstico e para vender	Geralmente homens
Maracá	<i>Cu'tox Cu'cõn</i>	Fruto: coité, cabaça	Instrumento musical, uso cerimonial, diversão e para vender	Homens
Pulseiras	<i>Acy</i>	Semente de tiririca	Adorno e venda	Mulheres
Capacete	<i>Pynjapyh</i>	Pena de arara, algodão	Adorno de embelezamento nas festas	Homens
Tipóia	<i>Caxyt prep</i>	Algodão	Identificar as pessoas que gostam de cantar no período de festas, usada para carregar crianças pequenas	Mulheres
Tipiti	<i>Ro'teh</i>	Palha de guarumã	Usado para secar a massa de mandioca e para vender	Homens
Colares	<i>Hõoc'cxixy</i>	Diversas sementes da flora nativa	Adorno e para vender	Mulheres
Espanador	<i>Empoo pãc capehrxy</i>	Penas de ema	Utilitário para venda, limpar poeira e para vender	Homens
Miniatura de jabuti	<i>Caprynre</i>	Tronco de buriti	Decoração e venda	Homens
Borduna	<i>A'cu</i>	Esculpidos em pau-roxo (árvore nativa)	Arma de guerra, decoração e para vender	Homens
Cestos em miniatura	<i>Tixre</i>	Palha de buriti	Armazenagem de pequenos objetos e para vender	Homens e mulheres
Pulseira	<i>E'pacaxi</i>	Sementes nativas e miçangas	Adorno e para vender	Mulheres

Esteira	<i>Cu'pehp Pap</i>	Palha de buriti e babaçu	Para sentar e deitar, para venda	Homens
Flecha	<i>Croh</i>	Canajuba (taquara)	Utensílio para pequenas caçadas e para venda	Homens
Arco	<i>Cohhi</i>	Pau roxo (árvore nativa)	Utensílio para pequenas caçadas e para venda	Homens
Peneira	<i>Rupep</i>	Palha de guarumã	Utensílios de peneirar massa de mandioca e outros	Homens
Lança	<i>Crohwwaxwa</i>	Pau rôxo (árvore nativa)	Para defesa e matar os animais ferozes/maiores Artesanato para venda	Homens
Cachimbo	<i>Carinxit</i>	Palha de piaçaba e catolé	Para fumar e para venda	Mulheres e homens
Mocó	<i>Paptoh</i>	Palha de buriti	Para carregar objetos usuários e para venda	Homens
Cesto	<i>Paraj</i>	Palha de guarumã	Para guardar massa de mandioca e para venda	Homens e mulheres
Abanador	<i>Pan</i>	Palha de piaçaba	Para abanar o fogo e para venda	Homens

De modo geral as folhas das palmeiras são as mais utilizadas como matéria-prima para a confecção de artigos de fibra, como por exemplo, as esteiras, as bolsas, os côfos (um tipo de cesto utilizado para transportar alimentos e instrumentos de trabalho nas roças, bem como para guardar pequenos objetos); e também para confecção dos fios para as pulseiras e colares. As folhas de certas palmeiras além de serem usadas na confecção de peças artesanais, são empregadas na construção das coberturas das casas, além de representarem uma fonte alimentar complementar em certos períodos do ano. Esse caso do buriti (*Mauritia vinifera*), espécie de palmeira bastante utilizada, tanto na alimentação, já que seu fruto é muito apreciado como bebida, por ser bastante carnoso e de grande valor nutritivo, quanto as suas folhas na confecção de esteiras e côfos, pelos indivíduos da Aldeia Nova. Outros grupos indígenas que habitam o bioma cerrado também fazem uso desses frutos para alimentação e artesanato com as folhas, como os Bororós e os Xavantes (SILVA e GARAVELLO, 2009; PINTO e GARAVELLO, 2008). O par de toras para corrida é cuidadosamente confeccionado, geralmente de tronco de buriti, cada vez que a disputa

começa fora da aldeia. Elas se realizam após as caçadas, pescarias, trabalhos na roça, quando coletivos. A corrida de toras sempre está ligada a um rito em andamento, de modo que o tamanho, formato e ornamentação das toras devem estar a ele conformes. Cada tora é carregada por um corredor, que deve passá-la a um companheiro do mesmo grupo (MELATTI, 1984).

Do mesmo modo, o tucum (*Astrocaryum* ssp.) tem grande importância como matéria-prima dos artesanatos Krahô: os índios retiram a fibra das folhas ainda verdes, as quais são enroladas manualmente umas às outras, formando fios, até que fiquem com a resistência desejada, isto é, da largura necessária para ser trabalhado de acordo com a finalidade de uso, seja para tecer as bolsas ou confeccionar as pulseiras e colares. Quando utilizados em pulseiras e colares os fios são mais finos, ao passo que para serem utilizados no processo de trançado de bolsas estes fios são enrolados em vários outros até que fiquem na espessura desejada para confecção do artigo.

As fibras da piaçaba (*Leopoldinia piassaba*) também são empregadas na confecção de cõfos e de outros traçados, além de serem usados como cobertura das casas, assim como também as folhas do babaçu e da bacaba. Dessas duas espécies de palmeiras os índios também utilizam seus frutos para alimentação. Vale mencionar que o óleo extraído do coco babaçu é utilizado pelos índios como fixador de suas pinturas corporais.

Foi observado que algumas fibras retiradas das palmeiras são tingidas com corantes naturais, extraídos de sementes ou raízes de outras plantas, como urucum e jenipapo.

Conforme a sazonalidade anual, os Krahô coletam pelo Cerrado uma diversidade de sementes de plantas, com as quais enfeitam seus artesanatos, denominadas pelos Krahô na língua dos "cupen" como: sementes de mulungu (semente de coloração vermelha); de olho de cabra (semente de coloração vermelha com risco preto), e as de tiririca (sementes de coloração creme produzidas por uma planta que lembra uma gramínea). As sementes de tiririca possuem normalmente o tamanho de uma conta de miçanga, podendo ter tamanho maiores ou menores que estas, conforme o período em que são colhidas. Essa espécie também é muito utilizada pelos índios Xavante na confecção de artesanatos, principalmente colares e pulseiras.

Segundo Nascimento et al. (2009) entre os Krahô, as espécies de palmeiras nativas são utilizadas na alimentação e na forma de bebidas, como os frutos de *M. flexuosa* L. (buriti), *Oenocarpus distichus* Mart. (bacaba), *Mauritiella armata* (Mart.) Burret, Mart. (juçara), dentre outras. Os autores verificaram que atualmente há alterações na forma de manejo de algumas espécies, como a retirada da bacaba para fazer bebida, que era realizada pelas mulheres que subiam na árvore e colhiam o fruto, e está mudando para a derrubada completa da árvore, o que pode comprometer a conservação da espécie.

Estudando as comunidades de palmeiras das florestas tropicais da bacia do Tocantins, Kahn (1986) descreveu uma riqueza de 21 espécies, compreendendo 8 palmeiras arbóreas, 12 de sub-bosque e 1 lianescente. Nascimento et al. (2009) descreveram no território Krahô, 17 espécies, pertencentes a 10 gêneros, sendo uma quantidade expressiva, se comparada inclusive com alguns locais da Amazônia, que possuem 17 espécies (ALMEIDA e SILVA, 1997) e com outros locais do bioma Cerrado, com 14 espécies (MARTINS e FILGUEIRAS, 2006). Este importante grupo de plantas para a etnia Krahô deve ser priorizado em programas de manejo e conservação de recursos naturais, dada sua importância cultural e ecológica para a etnia. Também, essas espécies apresentam destaque, principalmente, no período entre as safras de recursos vegetais, quando existe uma menor disponibilidade de alimento nas aldeias.

De acordo com Melatti (1984) os cestos de folhas de buriti, de confecção rápida, são muito utilizados para transporte e para guardar alimentos e objetos. Para pequenos objetos, há outro tipo de cesto, feito com fitas da casca lustrosa do talo de buriti, de vários tamanhos, em forma de paralelepípedo com quinas arredondadas, fechado por uma sequência de nós num cordel. Há também esteiras trançadas com fibra de buriti, com franjas que foram os estrados de troncos de açaí bravo que servem de leito. Para dormir no pátio central, os rapazes usam outro tipo de esteira, mais simples.

Observou-se na aldeia Nava, 3 espécies de palmeiras exóticas, a *Bactris gasipaes* Kunth. (palmeira pupunha), *Cocos nucifera* L. (coco) e *Euterpe oleracea* Mart. (açaí). Nota-se que espécies exóticas, como açaí, também é utilizada para confecção de artesanatos.

Dentre todas as espécies encontradas, o buriti, o guarumã, a piaçaba e o pau roxo apresentaram maior diversificação de usos para confecção de artesanatos. Nascimento et al. (2009) também relataram essas espécies tendo uso frequente entre os Krahô, além da bacaba. Outros autores citam (JENSEN e BALSLEV, 1995; COOMES, 2004) que espécies do gênero *Astrocaryum*, principalmente o tucum, destaca-se como importante fonte de fibras naturais e muito utilizadas pelos Krahô na confecção de redes e esteiras.

Comum também é o uso da cabaça, como recipiente para água, cuia para servir ou guardar alimentos preparados, pequenas taças de uso ritual e na confecção de alguns instrumentos sonoros: a cabacinha com quatro furos; a buzina, na qual completa o gomo de taquara; no cinto de algodão, sob a forma de sininhos sem badalos que se chocam uns contra os outros, usado na cintura por corredores, amarrado abaixo do joelho ou socado contra o chão pelos cantores. Segundo Melatti (1984) o principal instrumento sonoro, o maracá, era confeccionado de maracá. Atualmente verifica-se que o mesmo é feito de cabaça (planta rasteira cujos frutos se apoiam no chão) e também de cuité (fruto de uma árvore). Com ele o cantor dirige o canto das mulheres, sendo a música vocal um dos aspectos mais elaborados da vida ritual e artística dos Krahô (MELATTI, 1984).

Várias espécies de madeiras são utilizadas para confecção de objetos artesanais e de uso doméstico, como é o caso da madeira conhecida vulgarmente como pau-roxo. Com esta, os Krahô esculpem seus objetos de utilização doméstica, como o pilão para descascar o arroz e os objetos de uso nos rituais comemorativos, como as *lanças* e *bordunas*, instrumentos antigamente utilizados para defesa nos momentos de "guerras". É interessante notar que os Krahô não possuem um trabalho artesanal em madeira de grande expressão artística; apenas os fazem para uso em alguns de seus rituais. Segundo Melatti (1984), somente os *cetros* esculpidos em pau-brasil, são mais bem elaborados, pois são usados pelos rapazes Krahô no *ritual de iniciação* - definido como a passagem do jovem para a vida adulta.

Observou-se que o uso de penas entre os Krahô como expressão artística, está normalmente ligado aos seus ritos. Ainda Melatti (1984) relatou que a colagem de penas ao corpo é muito comum entre os índios Timbira. Eles se utilizam de plumárias para embelezamento e composição de seus desenhos corporais, por ocasião de seus rituais, mas elas pouco aparecem em seus objetos artesanais. As penas são extraídas das aves que, como os "periquitos verdes", no período de produção das roças de arroz, aparecem em bandos, à busca dos grãos para se alimentarem, e que são mortos. Suas penas são então retiradas para serem usadas nos cerimoniais da ocasião ou são armazenadas com a finalidade de ser utilizadas em outros rituais, no futuro.

Foi possível observar que em certas ocasiões, alguns índios da aldeia Nova armazenavam as penas obtidas em caçadas ou em suas caminhadas pelas roças, em sacos plásticos fechados, reutilizados das embalagens de alimentos que adquiriam na cidade, a fim de conservá-las intactas. Não se observou, entretanto, o uso de "caixas" com tampa, feitas do talo de buriti escavado e amarradas com um cordel, conforme relatado por Melatti (1984) a respeito dos Timbiras. Não sabemos precisar exatamente o período cronológico, em que o autor fez esta observação, mas seus estudos junto aos Krahô iniciaram-se na década de 1960.

Outro tipo de objeto que os Krahô não fabricam mais são os talhados em pedras, uma vez que os mesmos foram sendo substituídos por instrumentos de aço e ferro, como no caso do machado. Eventualmente, é possível ver este tipo de instrumento feito de pedra e ornamentado, sendo utilizado na aldeia por um cantador Timbira em uma cerimônia festiva.

### **O artesanato e sua função social**

Se por um lado o artesanato permanece com função utilitária no cotidiano da vida dos Krahô, por outro se mantém como importante componente nos rituais do grupo. Os

cerimoniais ou rituais estão intensamente presentes na vida das comunidades Krahô (MELATTI, 1978).

Geralmente nas sociedades indígenas a arte se manifesta na confecção de utensílios utilitários, e os cânticos e as danças são destinados antes de tudo aos rituais. Não é comum os objetos serem elaborados com a finalidade exclusivamente artística (MELATTI, 1984).

Dois são os objetos especialmente elaborados para uso nos rituais: o cinto, peça artesanal confeccionada com o fruto de uma palmeira na função de pingente e disposta junto ao cinto que é tecido com fios de algodão, usado pelo cantor, e tem a função de instrumento musical e de compor a marcação do ritmo do canto; e o *maracá* que é o instrumento principal nas cantorias entre os Krahô em seus rituais festivos. Esse é feito de um tipo de cabaça e uma haste de madeira para segurá-lo, como um tipo de chocalho, que é pintado com urucum, sendo com este instrumento que o "cantor" faz a maestria e a afinação dos cantos dos ritos. Ambas as peças têm particular importância na expressão da cultura imaterial e ambos têm função singular nos rituais, pois são instrumentos artesanais confeccionados para uso exclusivo nas cantorias. A música é a manifestação artística mais importante para os Krahô (MELATTI, 1984).

A palha não é somente utilizada na confecção de utensílios domésticos, mas também tem seu papel relevante nos rituais, como por exemplo, na festa do "Peixe e da Arraia". Neste ritual festivo os alimentos oferecidos são embalados com folhas verdes de buriti, e essas "embalagens" tem o formato de peixes, representando os peixes do ritual. Representando a arraia são tecidas duas máscaras corporais utilizando a palha seca da folha do buriti, que é trançada na forma de uma esteira fechada (como uma roupa ficando apenas dois orifícios para os olhos). Essas máscaras são vestidas por homens da aldeia durante o ritual.

Segundo Ribeiro (1987), na produção dos artefatos domésticos de uma casa indígena há distinção de gênero entre quem faz que tipo de peça. Na maioria dos grupos a confecção dos objetos artesanais trançados cabe aos homens, como é o caso entre os Timbira.

Entre os Krahô, há partes do mesmo objeto que são confeccionadas por pessoas do sexo oposto, como é o caso de determinados cestos, geralmente, confeccionados pelas mulheres e cujas alças só podem ser feitas pelos homens (MELATTI, 1984).

Em geral os artigos artesanais como o tipiti, os cestos em miniatura, o espanador, as bolsas, as esteiras, as flechas, os arcos, o maracá, a lança, o cachimbo, o mocó, o abanador e a alça dos côfos são confeccionados na grande maioria pelos homens. Também é atributo dos homens a confecção das peças talhadas em madeiras, como as bordunas, cetros, bancos e pilões. Já os côfos, o cinto, o capacete, a tipóia, os colares e pulseiras, e

os utensílios de uso doméstico confeccionados com cabaça e cuia são as mulheres e as meninas as responsáveis.

As mulheres entre suas atividades de roça e afazeres domésticos, confeccionam adornos para serem usados nos rituais ou para serem vendidos aos "cupen"<sup>3</sup> (pessoa não índio).

De modo geral a divisão do trabalho nos grupos indígenas do Brasil se dá pela divisão por sexo e por idade. Isto é, um homem faz o que todos os outros fazem, bem como uma mulher faz o que todas as outras. Não há exclusividade de tarefas dentro de cada grupo indígena. É claro que cada grupo tem suas especificidades e habilidades artísticas, e deste modo cada sociedade costuma produzir alguns artefatos que outras não produzem. Deste modo, se dá a troca entre os grupos e intra-grupos.

Pode ser observado junto ao grupo da aldeia Nova que há troca de alimentos entre grupo de homens e de mulheres, com é o caso da coleta de mel ou de caçada para obtenção de carne. Formam-se grupos de homens que saem para realizar tal tarefa e quando retornam as mulheres da aldeia trocam o produto da caçada ou coleta por alimento pronto, isto é, elas preparam alimentação para todos os homens sem distinção e trocam com eles pelos "produtos" obtidos.

Melatti (1984, p.70) relatou que estes gestos de troca entre membros da aldeia de diferentes casas sem aparente razão de ser, já que todas as mulheres podem fazer comida e todos os homens podem caçar e coletar mel tem alto valor social, sendo úteis para estreitar os laços de solidariedade entre todos os indivíduos da aldeia.

Observamos que é comum entre os Krahô a troca de seus artigos artesanais com os seus "parentes", em ocasião de estarem em visita ou quando eles saem da sua aldeia para visitar outras. É bastante comum encontrar artesanato Apynajé, Kricati Gavião e Canela nas aldeias Krahô, devido ao sistema de troca realizada entre esses grupos indígenas.

Nas sociedades indígenas há distinção entre comércio e troca ritual. Segundo Melatti (1984), essas práticas não são mutuamente exclusivas, já que no comércio indígena, embora troquem produtos diferentes entre eles, a transação do bem é realizada como se fosse este um "presente", isto, pois, não há necessária condição de exata equivalência entre os valores dos "presentes-bens" trocados. Um fato que influencia esta realidade é o de não haver o mesmo tipo de matéria-prima para confecção de um mesmo artigo em todas as aldeias Krahô.

Observou-se, em nosso levantamento de campo, que no ambiente onde está localizada a Aldeia Nova não existe uma árvore vulgarmente conhecida como "coité" (*Crescentia* ssp.), cujo fruto é utilizado pelos Krahô para confecção de *maracás* e cuias de

uso doméstico. Esta matéria-prima é sempre um objeto de interesse para alguns membros desta aldeia quando tem oportunidade de troca de "presentes".

Também, a miscigenação étnica é uma das vias de difusão de traços culturais. De acordo com Ribeiro (1987), inúmeros artefatos de uso doméstico tornaram-se, no passado e ainda no presente vigoram como objeto de trocas intertribais.

É comum observar a influência artística de outros grupos indígenas, como por exemplo, objetos artesanais de uso doméstico confeccionados por artesãos Apynejé e Canelas, presentes em algumas casas da Aldeia Nova, e a influência destes sob as peças produzidas por artesãos dessa aldeia Krahô.

### **O artesanato na geração da renda e suas ressonâncias**

O artesanato muitas vezes é tratado como uma forma de renda para o grupo, apesar de não ser comum encontrar nas aldeias estoque de peças. Como a confecção de artigos artesanais não é a principal atividade das famílias deste grupo indígena, a produção varia conforme a necessidade de recursos financeiros para suprir as necessidades de subsistência da família. Ocorre também que alguns membros da comunidade, sabendo que há ocasiões em que virão "*cupen*" de outros estados e de outros países para visitá-los na aldeia, aproveitam a oportunidade para vender seus artigos ou trocá-los por algum futuro "presente" que os visitantes trarão na próxima visita. Esta forma de negociação através da troca é prática comum entre os Krahô, pois com essa estratégia eles conseguem obter alguns artigos que necessitam para confeccionar seus colares e pulseiras, especialmente as "miçangas" (contas coloridas que eles combinam com enfeites de origem animal, como dentes, penas e ossos, também com sementes, compondo assim seus adornos artesanais). A forma mais comum do grupo conseguir este produto é através dos *cupen* visitantes que os presenteiam. É freqüente ver os visitantes que vem de outros estados, principalmente de São Paulo, trazer miçangas para algumas mulheres da aldeia.

A introdução das manufaturas não tradicionais na cultura material desses povos estimulou de forma progressiva a sua dependência ao consumo de bens materiais, e ao mesmo tempo a desvalorização da produção cultural. Deste modo, criou-se um sistema de dependência, o acesso a esses objetos utilitários não tradicionais, depende restritamente do "capital". Observamos este fato também na aldeia Nova, onde há substituição de objetos tradicionais de uso doméstico por objetos adquiridos nas cidades. Esse é o caso da substituição das cuias e cabaças, de utilidade para transporte e armazenagem de água e alimentos, por potes de barro e plásticos e filtros. Outro exemplo são as esteiras, utilizadas para forrar o chão ou a *tarimba* (estrutura feita de troncos finos de árvores no formato de

---

<sup>3</sup> Denominação na língua Timbira para referir-se ao não índio.

cama), que observamos ser hoje habitualmente confeccionada para venda, que foram substituídas por redes de dormir feitas industrialmente e, que são adquiridas através de trocas na própria aldeia ou entre aldeias, com outros objetos de interesse ou compra nas cidades.

Segundo Ribeiro (1987), os objetos que vem resistindo por mais tempo a esta substituição, são os objetos que tem uso na fabricação de produtos oriundos da mandioca, como é o caso da fabricação da farinha e de outros alimentos oriundos desse produto. As peneiras, abanos, tipitis e as cuias podem ser encontradas em algumas casas da aldeia Nova, pois a farinha de mandioca ainda faz parte da base alimentar desse grupo.

### **Considerações finais**

Vale mencionar que os Krahô não têm no artesanato a sua máxima expressão da cultura material. Eles valorizam muito o embelezamento e a estética corporal, através do corte de cabelo, a qual é a marca expressiva de identificação do grupo. Além de suas pinturas corporais, que os identificam entre o próprio grupo indígena como pertencente deste ou daquele grupo social.

O artesanato assume formas de acordo com a leitura que o artesão indígena faz do gosto do *cupen*, com relação à valorização do objeto. A expressão artesanal é por vezes manipulada como uma forma de produção de capital, isto é, para venda e geração de recursos financeiros. Neste momento assume um papel que não é o cultural. Este é feito para atender as expectativas dos *cupen*, pois não se trata de um instrumento da cultura material do grupo, e sim tem como função, o comércio, e não a utilidade e ou função social.

Foi observado que para o homem Krahô, a manifestação artística mais enfatizada é o do cuidado com o corpo e com a estética do cabelo. Essa expressão também é observada entre as mulheres jovens da aldeia. Os Krahô são exímios atletas de corrida. Vale salientar que a manifestação cultural através dos cantos é o ponto mais veemente da cultura imaterial desse grupo indígena.

Há diversas matérias-primas do cerrado com função de produção de artesanato na aldeia Nova, evidenciando o uso e o conhecimento do grupo para esse fim. As trocas e o comércio das peças entre os Krahô com o não índio vêm ocorrendo desde o contato pacífico, tendo importância econômica e social, coexistindo com sua função ritual e atrelada a cultura material e imaterial do grupo.

### **Referências**

ALMEIDA, S.S; SILVA, P.J.D. **As palmeiras**: aspectos botânicos, ecológicos e econômicos.

LISBOA, P.L.B. (Org.) Caxiuana: Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, Brasil. pp. 235-251, 1997.

AZANHA, G. **A Forma Timbira: Estrutura e Resistência**. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 138 p., 1984.

CAVASSAN, O. **Florística e fitossociologia da vegetação lenhosa em um hectare de cerrado no Parque Ecológico Municipal de Buru (SP)**. Tese de Doutorado – Instituto de Biociências, Universidade de Campinas, 152 p., 1990.

CIPRF - Conferência Internacional e Programa sobre Recursos Fitogenéticos (CIPRF). Relatório dos países da América do Sul: EMBRAPA, MRE, MAARA & CENARGEM, 61 p. 1995.

COOMES, O.T. Rain forest 'conservation through use'? Chambira palm fiber extraction and handicraft production in a landconstrained community, Peruvian Amazon. **Biodiv. Cons.**, v. 13, pp. 351-360, 2004.

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde. Disponível em: [www.funasa.gov.br](http://www.funasa.gov.br). Acesso em: 10/09/2013.

JENSEN, O.H.; BALSLEV, H. Ethnobotany of the fiber palm *Astrocaryum chambira* (Arecaceae) in Amazonian Ecuador. **Econ. Bot.**, v. 49, pp. 309-319, 1995.

KHAN, F. Les palmiers des forêts tropicales humides du bas Tocantins (Amazonie brésilienne). **Rev. Ecol.**, São Paulo, v. 41, p. 3-13. 1986.

MARTINS, R.C.; FILGUEIRAS, T.S. **Arecaceae**: Flora do Distrito Federal, Brasil. Embrapa Recursos genéticos e Biotecnologia. Brasília. Brasil. 356 p. 2006.

MELATTI, J.C. **Ritos de uma tribo Timbira**. São Paulo, Ática, 367 p. 1978.

MELATTI, J.C. Questões sobre a identidade Krahô. **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro: v. 82, p. 189-94, 1984.

NASCIMENTO, A.R.T.; SANTOS, A.A.; MARTINS, R.C.; DIAS, T.A.B. Comunidade de palmeiras no território indígena krahô, Tocantins, Brasil: biodiversidade e aspectos etnobotânicos. **Interciência**, Caracas, v. 34, n. 3, 2009.

PINTO, J.G.; GARAVELLO, M.E.P.E. Transformação (agri) cultural ou etnosustentabilidade: relato de uma aldeia Bororo. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v. 3, n. 2, pp. 54-60, 2002.

PIVELLO, V. R. Disponível em: [www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/meioamb/ecossist/cerrado/apresent.htm](http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/meioamb/ecossist/cerrado/apresent.htm). Acesso em: 17 nov. 2013.

RIBEIRO, B.G. (Coord). **Suma etnológica brasileira**. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Ed. Petrópolis. vol. 2, 2ªed., 1987.

RODRIGUES, E. **Usos rituais de plantas que indicam ações sobre o sistema nervoso central pelos índios Krahô, com ênfase nos psicoativos**. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo. Escola Paulista de Medicina, 105 p. 2001.

SCHIAVINI, F. Estudos etnobiológicos com o povo Krahô. In: CAVALCANTI, T.B, WALTER, B.M.T. (Orgs.) **Tópicos atuais em botânica**. Sociedade Botânica do Brasil. Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia. Brasília, Brasil. pp. 278-284, 2000.

SILVA, R.J.N.; GARAVELLO, M.E.P.E. Alterações nas Estratégias de Subsistência: O caso dos índios brasileiros xavantes. **Rev. Segurança Alimentar e Nutricional**, n. 16, v. 1, pp. 32-48, 2009.

VIERTLER, R.B. **Ecologia cultural**: uma antropologia da mudança. São Paulo: Ática, 1988. 61p.

Recebido para publicação em 04 de outubro de 2015.

Devolvido para a revisão em 13 de setembro de 2016.

Aceito para a publicação em 19 de outubro de 2016.